

Hospital Matarazzo: De Vazio Urbano a Lugar de Fruição

Hospital Matarazzo: From Urban Empty to Place of Enjoyment

Hospital Matarazzo: De Vacío Urbano al Lugar de Disfrute

Francisco G. da Cunha Saes

Mestre, FAUUSP, Brasil
Doutorando, UPM, Brasil
francisco.saes@uol.com.br

RESUMO

O conjunto edificado do Complexo Hospitalar Matarazzo revela-se portador não apenas da memória da cidade, mas também um lugar privilegiado para compreender as dinâmicas sociais que participaram do intenso processo de urbanização de São Paulo a partir da virada do século XIX para XX. Esta investigação está alicerçada em estudo de caso que estabelece a hipótese de sua transformação de vazio urbano em lugar de fruição dos cidadãos em centralidade da metrópole. As inter-relações pessoa-ambiente destas edificações tombadas pelo patrimônio histórico e sua adequabilidade aos novos e diferentes usos e funções farão parte desta investigação. A pesquisa procura estabelecer uma cumplicidade produtiva, fomentando parceria entre os diversos saberes envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Vazio Urbano, Fruição.

ABSTRACT

The built complex of the Matarazzo Complex expose itself not only as a bearer of the city's memory, but also as privileged place to understand the social dynamics that participated in the intense urbanization process in São Paulo from the turn of the 19th to the 20th century. This research is based on a case study that establishes the hypothesis of its transformation from an urban derelict land to a place for the enjoyment of city dwellers in the centrality of the metropolis. The person-environment interrelations of these buildings listed by the historical heritage and their suitability for new and different uses and functions will be part of this investigation. The research seeks to establish a productive collaboration, fostering a partnership between the various types of knowledge involved.

RESUMEN

El complejo construido Hospitalario Matarazzo se revela no solo como un portador de memoria de la ciudad sino también como un lugar privilegiado para comprender la dinámica social que participo en el intenso proceso de urbanización en São Paulo desde el comienzo del siglo XIX hasta el siglo XX. Esta investigación se basa en un estudio de caso que establece la hipótesis de su transformación de un vacío urbano a un lugar para el disfrute de los habitantes de la ciudad en la centralidad de la metrópole. Las inter-relaciones persona-ambiente de estos edificios enumerados por el patrimonio histórico y su idoneidad para nuevos y diferentes usos y funciones serán parte de esta investigación. La investigación busca establecer una complicidad productiva fomentando una asociación entre los diversos tipos de conocimiento involucrados.

As coisas se desfazem; o centro não se sustém;
A pura anarquia está solta no mundo. (W.B. Yeats, s/a)

No desenvolvimento urbano ocorrido ao longo das últimas décadas, a vida mudou em compasso acelerado, sendo a tecnologia um dos fatores marcantes destas mudanças e também responsável pela redefinição das necessidades sociais.

A compressão do tempo e do espaço acabaram por determinar uma aceleração nas dinâmicas das cidades, com a facilidade dos fluxos de dinheiro em busca de oportunidades de ganhos sempre maiores, impingindo aos cidadãos o sentimento de estranhamento face às modificações físicas presentes na geografia das cidades.

Em “A Condição Pós-moderna”, David Harvey procura debater e tornar evidente, também, a relação do indivíduo com uma nova significação do tempo e espaço, trazendo à tona a dialética de lugar versus espaço, presente versus passado.

A vida pós-moderna é marcada por uma sociedade global sem fronteiras. O sentido do espaço global mudou e com este fato veio uma mudança correlativa no sentido do tempo – a transformação do mundo e das relações sociais levam a mudanças também na visão que se tem a respeito da ideia de tempo. As qualidades objetivas do tempo e do espaço foram modificadas de tal forma que levou o indivíduo a alterar, inclusive, a forma de representação do mundo para si próprio, foi estabelecido o funcionamento de novos modos de pensar sobre o tempo e o espaço e de vivenciá-los. (HARVEY, 1992, p. 188)

Os antigos modos de regulação que norteavam o tempo em nossa sociedade, o sino da igreja, o apito da fábrica e o sinal de recreio das escolas vão dando lugar ao caos dos semáforos, às intermináveis horas nos congestionamentos, ao sentimento de estranhamento que temos ao nos depararmos com a rápida substituição dos marcos construídos e percebidos, nossas antigas referências legíveis na tessitura da metrópole.

Qual um antigo ensinamento budista em que a impermanência é a única certeza que temos e como numa abordagem freudiana em que o Eu não é dono de sua casa dando espaço para as manifestações inconscientes, assim também são as incertezas que nos cercam na vida cotidiana com as constantes mudanças físicas em nosso entorno.

Segundo Ascher, uma nova economia pautada no conhecimento e na informação, alimenta a terceira revolução urbana¹, que não gera uma cidade virtual, imóvel e introvertida, mas sim uma cidade que se move se comunica, constituída de novas decisões de deslocamento das pessoas, bens e informações, animadas pelos eventos que exigem a co-presença, e na qual a qualidade dos lugares mobilizará todos os sentidos, inclusive o toque, o gosto e o cheiro. (ASCHER, 2010, p.67)

¹ Segundo Ascher a primeira evolução urbana moderna foi a da cidade do renascimento e dos tempos modernos, e a segunda revolução urbana foi a da cidade de revolução industrial. (ASCHER, 2010, p. 24)

A economia das transformações baseada no modelo fordista de produção deixou marcas na cidade como as antigas áreas industriais, equipamentos urbanos obsoletos e instalações em degradação.

Surge desta maneira um fenômeno da atualidade: os vazios urbanos. Aparecem no tecido construído e consolidado das grandes cidades, caracterizado por edificações que passaram por processo de esvaziamento e vacância. São decorrentes das transformações econômicas, sociais, políticas e da ação impactante da tecnologia que acabam por determinar mudanças na conformação urbana.

A presença dos vazios urbanos geralmente se traduz pelo silêncio em meio ao território em que ele se insere, engolfado pela poluição sonora advinda dos deslocamentos físicos na trama da cidade.

Mas afinal, o que são vazios urbanos?

O vocábulo vazio deriva do latim *vacivus*, que significa desocupado, vago, desprovido, sem nada, e está relacionado ao verbo *vacare*, “não ter dono, estar isento de algo, estar sem ocupação”.

Segundo Nuno Portas, em um sentido mais comum, o vazio urbano reporta áreas inseridas na cidade consolidada com potencial de se tornarem oportunidades palpáveis em prazo não definível, assim ocorrendo com velhos conglomerados industriais, faixas lindeiras de ferrovias ou portuárias, equipamentos destinados ao público como mercados, hospitais e outros equipamentos edificados. (PORTAS, 2000, p.2).

Solà-Morales vai definir estes vazios pela expressão francesa *terrain vague*, onde *terrain* tem um sentido mais urbano, uma extensão de solo de limites precisos edificável na cidade. E a segunda palavra, *vague*, tem dupla origem, uma latina e outra germânica, sendo esta última da raiz *vagr-wogue*, referenciando as ondas da água, dando o sentido de movimento, instabilidade, oscilação.

Porém as duas raízes latinas presentes no termo francês *vague* são muito significativas. Pois aí temos *vague* como derivado de *vacuus*, *vacante*, *vacum* em inglês, ou seja, *empty*, *unoccupied*; mas também *free*, *available*, *unengaged*. A relação entre a ausência de uso, de atividade e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender toda a potência evocativa que os *terrain vague* das cidades tem na percepção da mesma nos últimos anos. Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, expectativa. (SOLÀ-MORALES, 2012, p.4).

Fiolavá, nos chama a atenção para as particularidades do lugar procurando entendê-lo, examinando sua especificidade cultural e as causas que pelas quais determinadas zonas se converteram em *terrains vagues*, visto serem sempre consequência de sua história, memória e identidade que guarda uma relação com o passado (FIALOVÁ, 1996, Apud ROSA, 2008, p. 124). Conforme Brode, os vazios urbanos nos tecidos consolidados de uma cidade podem ser consequências de intervenções urbanas (vazio projetual), de fatores ligados às conjunturas econômicas, sociais ou jurídicas específicas (vazio conjuntural) e de transformações nas funções urbanas (vazio estrutural) ou de uma articulação entre elas. (BORDE, 2006, p.8).

Convém destacar também que no contexto francês há o uso do termo *friches culturelles* além das *friches industrielles* e das *friches commerciales* relacionadas ao seu uso anterior. Mas não deixa de ser paradoxal, pois simultaneamente abraça o novo uso no caso espaço articulado com a arte, mantendo a memória da vacância (BORDE, 2006, p. 43).

No entender de Thorion a *friche culturelle* visa transformar o ambiente urbano, criando uma dinâmica cultural de proximidade com o público em geral marcando um compromisso na vida da cidade. Trata-se de uma oportunidade para a cultura em formação, pela sua característica inovadora, experimental, lúdica e de convívio (THORION, 2005, p. 6 e 7),

Os vazios urbanos podem ser considerados áreas que oferecem oportunidades para regeneração, espaços para recuperação que podem contar a história da cidade, seus aspectos sociais e econômicos, imprimindo uma nova dinâmica de participação da população nele e em seu entorno, e configurando espaços de socialização, lugares de fruição, com qualidade e pertencimento em sua nova configuração.

Durante o período de vacância e abandono do imóvel do Hospital Matarazzo, ocorreram alguns eventos os quais merecem destaque:

Invasão não criativa: No dia 5 de outubro de 1998 às 23:45 hs um grupo de pelo menos 1000 pessoas ligados ao Fórum dos Cortiços invadiu e ocupou o antigo hospital arrombando a antiga entrada dos funcionários na Rua Itapeva. Em pouco tempo, a maioria de mulheres e crianças, encontrava-se no seu interior, já com iluminação e foram se organizando em quartos do hospital. Pouco depois, após uma vistoria da PM verificando as condições de segurança e tratando-se de movimento pacífico, acabou deixando o local. Em pouco tempo uma cozinha comunitária já estava instalada para servir café da manhã e almoço. (OLIVEIRA, 1998).

Friche culturelle: Teatro da Vertigem

O Teatro da Vertigem o grupo surgiu a partir do desenvolvimento de experimentações dramáticas e suas múltiplas possibilidades, buscando fazer apresentações em lugares não convencionais, aprofundando-se nas possibilidades cênicas dos espaços e da utilização de materiais do local. Estreou no Hospital Umberto Primo em 1995 e uma nova temporada lá ocorreu de 29 de novembro a 22 de dezembro de 2002 e com retorno em janeiro de 2003. Tal remontagem apresentou a peça “O Livro de Jó” de Luís Alberto de Abreu, com direção de Antônio Araújo em espaço para 60 espectadores e contou como o apoio institucional da Brasil Telecom na época e está fazendo 25 anos em 2020. (Folha São Paulo, 14/11/2002; Ilustrada)

Friche Culturelle: Casa Cor

Em maio de 2003 o hospital transformou-se em condomínio residencial com 110 espaços assinados por 140 decoradores, paisagistas e arquitetos, recebendo a 17ª edição da Casa Cor, que reuniu no local, apartamentos, espaços públicos, praças, lojas e restaurantes. Teve início em 27 maio de 2003 e durando até 90 de julho de 2003, contou com público expressivo de

100.000 visitantes durante todo o evento segundo os organizadores. O mote da mostra foi a humanização do jeito de morar. (MORAES, 2003).

Friche Culturalle: Moda – Casa dos Criadores

Também em 2005 foi promovido no espaço do Hospital Umberto Primo um evento da Casa dos Criadores em sua 17ª Edição – Inverno no período de 18 a 20 de março de 2005. Tal movimento nasceu da cena underground paulistana aliando moda, comportamento e música eletrônica e aos poucos foi ampliando seu universo incorporando estilistas e criadores de moda de São Paulo e de outros estados, transformando-se em uma vitrine da criação da moda brasileira. (www.casadecriadores.com.br)

Friche Culturalle: Made by... Feito por Brasileiros

2014 – período de 9 de setembro a 12 de outubro

A exposição *Made by... Feito por Brasileiros* acolheu uma performance artística sem precedentes no antigo Hospital Matarazzo, uma verdadeira invasão criativa contando com uma centena de obras de grandes artistas nacionais e internacionais da cena contemporânea, em sua grande maioria concebidas especialmente para a mostra.

Figura 1: Arne Quinze Wooden Sculpture



Fonte: www.feitoporbrasileiros.com.br

A partir da seleção realizada pelo curador Marc Pottier e pelo curador convidado Simon Watson, além de projetos especiais de Pascal Pique para o Musée de l'Invisible, Nadja Romain, Gabriela Maciel e André Sheik, Baixo Ribeiro e a 3ª Bienal da Bahia, foram reunidas nesse espaço único: instalações *site specific*, grafites, esculturas, pinturas, colagens, desenhos, fotografias, vídeos e luzes, complementados por poesia, música e dança.

Dentre os artistas que estiveram presentes, merecem destaque: Alexander Lee, Arne Quinze, Artur Lescher, Baixo Ribeiro, Cao Guimarães, Cristiano Mascaro, Charley Case, Daniel Senise,

Dora Longo Bahia, Douglas White, Héctor Zamora, Iran do Espírito Santo, Janaina Tschäpe, Joana Vasconcelos, Kenny Scharf, Lia Chaia, Marilyn Minter, Nina Chanel Abney, Nuno Ramos, Per Barclay, Rochelle Costi, Studio Drift, Tony Oursler, Tunga, Veronika KellIndorfer, Vik Muniz, Wang Du e Xavier Veilhan. (www.feitoporbrasileiros.com.br, 2014)

Friche Culturalle: Rock na Cidade

A Cidade Matarazzo na Bela Vista próximo ao Metrô Trianon MASP e Avenida Paulista, recebeu o Show "Rock na Cidade" das 10h às 20h, em comemoração ao aniversário da cidade de São Paulo, que completou 461 anos no dia 25 de janeiro de 2015.

O festival, com entrada gratuita, contou com shows de 40 bandas, além da "Alameda Gastronômica" de *food trucks*, feira de adoção de animais e "Palco Selfie", onde quem se prontificou a se aventurar. (Jornal G1, 26/01/2015)

Figura 2: A banda Ira! Na Cidade Matarazzo



Fonte: Rafael Arbex; Estação Conteúdo

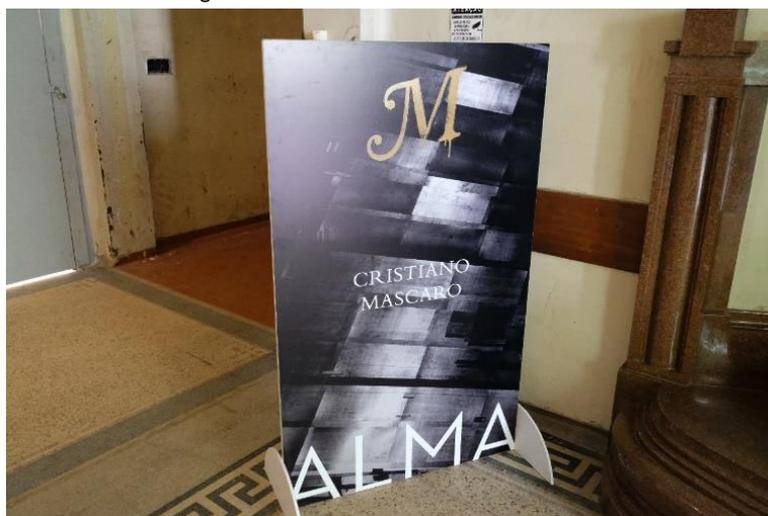
Friche Culturalle: Mostra Fotográfica "Alma" de Cristiano Mascaro – de 03 a 28 de abril de 2019.

A fusão entre natureza e concreto é processo constante nas paisagens urbanas. O verde outrora abundante dá lugar ao cinza, sinal da modernização. Mesmo diante de tamanha densidade, a força da natureza brota em frestas e rachaduras abertas na espessa massa cinzenta, trancando rastros, fantasmas e cicatrizes em suas escuras entranhas.

Na exposição, que teve curadoria de Marc Pottier, 20 fotografias evocam as possíveis presenças que permeiam as paredes do antigo Hospital Matarazzo, que teve suas atividades encerradas em 1993. Desde 2013, o fotógrafo investiga a história dos vários espaços abandonados da instituição desativada, hoje tomada por obras e jardins desgrehados. Suas imagens em preto e branco em grande formato revelam o que está escondido e proibido aos visitantes, criando uma

linguagem de narrativa alusiva, tanto poética quanto visual, que convida o espectador a imaginar por onde o Homem deixou seu rastro.

Figura 3: Mostra “Alma” Cristiano Mascaro



Fonte: foto do autor

Aqui ponderamos que a área de aproximadamente 27.000 m², um terreno onde se situa o antigo Hospital Umberto I em uma das áreas mais valorizadas da cidade de São Paulo se transformou em um vazio urbano durante o período de seu fechamento definitivo em 1993, sendo alvo de estudos definitivos somente a partir de 2012, ou seja quase 20 anos totalmente desfuncionalizado, usado parcialmente no período como estacionamento irregular para os alunos da FGV situada na vizinhança e contando com alguns eventos de cunho cultural, tornando-se esporadicamente em uma *friche culturelle*.

Acredita-se ser papel dos atores do mercado imobiliário em estreita cooperação com órgãos públicos correlatos encetar esforços em prol de estratégias e novas abordagens de desenvolvimento dos vazios urbanos, buscando no contexto da produção da cidade contemporânea a valorização das intervenções que certamente terão um efeito transformador não só local, mas ganhos de urbanidade percebida para a região e além como um todo.

Em 2011 o Grupo Allard comprou todo o Complexo do antigo Hospital Umberto Primo, conhecido também por Hospital Matarazzo em terreno de 27.000 m² por 117,5 milhões da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (PREVI). Em sendo as edificações existentes no local tombadas, o que se constituiu um desafio para o desenvolvimento do projeto um pouco mais complexo do que uma incorporação tradicional em voga no mercado imobiliário. (INVESTE SÃO PAULO – BOLETIM 15/01/14)

Figura 4: Vista aérea do empreendimento



Fonte: BM Empreendimentos

Figura 5: Vista longitudinal do empreendimento



Fonte: BM Empreendimentos

O projeto contempla o restauro dos antigos pavilhões do complexo hospitalar (a partir da esquerda para a direita) com ocupação prevista por áreas destinadas ao comércio, cultura e gastronomia. Ao centro o restauro integral da Capela Santa Luzia que passará a receber missas e cerimônias.

A Maternidade Filomena Matarazzo que após restaurada abrigará o Hotel Rosewood com 42 quartos decorados por Philippe Starck e ao seu lado voltado para a Alameda Rio Claro um edifício corporativo com assinatura do arquiteto francês Rudy Ricciotti.

Ao fundo Torre Mata Atlântica, uma construção contemporânea assinada pelo arquiteto Jean Nouvel (ganhador do Pritzker Prize em 2008 – o mais importante prêmio da arquitetura do mundo) que abrigará 150 quartos de hotel e 122 suítes particulares

Para completar a obra foi concebido com um projeto de reurbanização do entorno, com um túnel a ser aberto na Rua São Carlos do Pinhal, um parque linear e uma feira de produtos orgânicos de hortas urbanas a ser concebida pelos irmãos Campana. Ficará no trecho da Alameda Rio Claro entre a Avenida Paulista e a Rua Pamplona, via que passaria a ter apenas trânsito local.

Conclusão

Para a presente investigação o acompanhamento dos trabalhos de restauro e revitalização são realizados periodicamente lançando-se mão de registros fotográficos e história oral junto aos participantes do projeto

A complexidade do empreendimento e seu programa de arquitetura, restauro e cunho cultural certamente irão se refletir no cotidiano da cidade de São Paulo, evidenciando e revalorizando suas raízes históricas e as memórias presentes na mente dos cidadãos.

As relações pessoa-ambiente serão intensificadas na medida em que a qualidade dos lugares irá permitir uma nova interação, uma percepção ambiental que permitirá novas apropriações e novos processos de identificação dos espaços e dos ambientes, agora transformado em lugar de fruição.

Nas palavras de Jean Nouvel: “o parque do Matarazzo é uma sobrevivência. Diria até mais do que uma sobrevivência, é um oásis. É o lugar de uma urbanização calma. É o lugar de árvores incríveis: fícus, talaumas”, disse.

Além disso, ele completou: “E este hospital no meio é uma espécie de pequena cidade, muito bem organizada com seus pátios. Ao redor disso, uma cidade tumultuada. O que é interessante é trabalhar a partir da memória do lugar” (BARATTO, 2016).

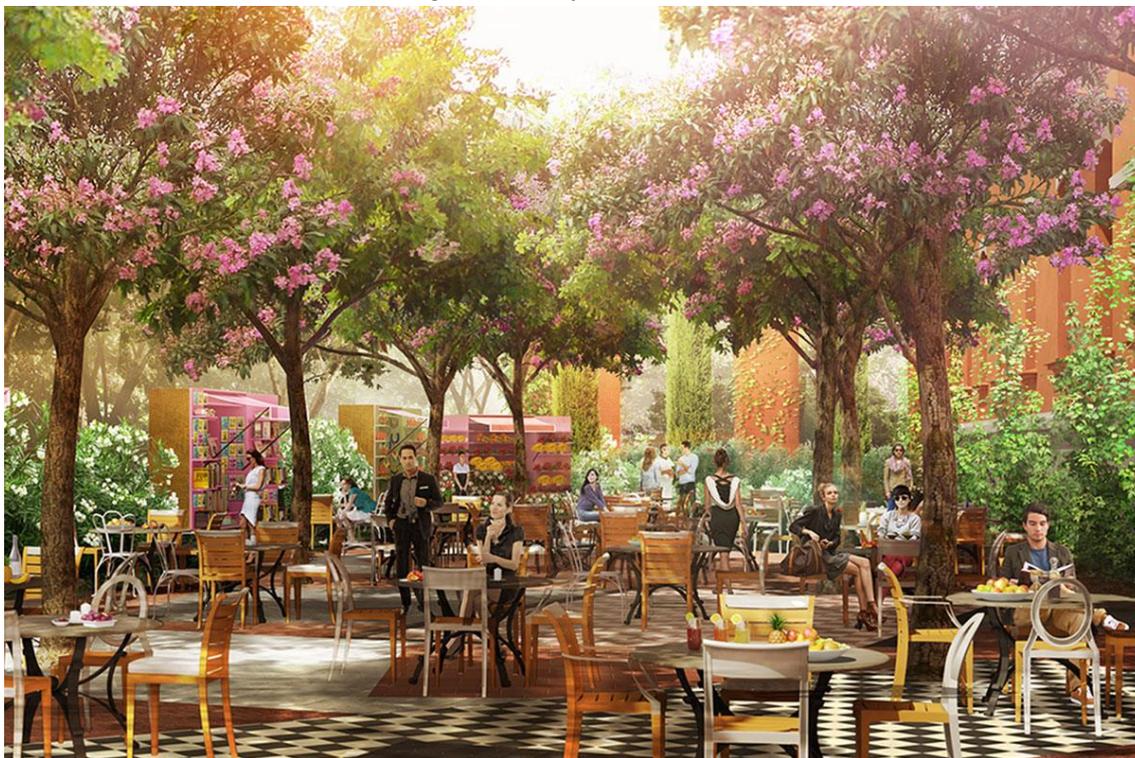
O espaço vivido no sentido de lugar vivenciado nos leva a uma dimensão psíquica da experiência local, espaço intencional como espaço sensorial.

Figura 6: Simulação Espaços Casa de Saúde



Fonte: BM Empreendimentos

Figura 7: Simulação Pátio interno



Fonte: BM Empreendimentos

Figura 8: Simulação Terraço Térreo Maternidade/Hotel



Fonte: BM Empreendimentos

Figura 9: Simulação Kiosks de Artesanato



Fonte: BM Empreendimentos

Referencial

ASHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. 1 ed. São Paulo: Romano Guerra, 2010. 104 p.

BORDE, Andrêa de Lacerda Pessôa. **Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas**. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. 2006.

BARATTO, Romulo. **Jean Nouvel divulga projeto para a Cidade Matarazzo em São Paulo**. 2016 <https://www.archdaily.com.br/br/785210/jean-nouvel-divulga-projeto-de-torre-em-sao-paulo>, acesso em 13/02/2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 1992, 350p.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. **Terrain Vague**, Arch Daily, 2002 disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>, acesso em 12/12/2019.

MORAES, Alexandra. **Casa Cor reaviva prédio do antigo hospital Matarazzo**. Folha de São Paulo. São Paulo. 26 de maio de 2003. Caderno Ilustrada.

OLIVEIRA, Marcelo. **Mil sem-teto invadem hospital desativado**. Folha de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 7 de outubro de 1998, Caderno Cotidiano

PORTAS, Nuno. **Do Vazio ao Cheio**. In. Cadernos de Urbanismo, A globalização da economia e a vida nas cidades. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, nº 3, 2000.

ROSA, Iná. **Vazios Urbanos como Vazios de Preservação: Franco da Rocha nas terras de Juquery** In. Cadernos de Pós FAU USP. nº 23, São Paulo, Junho 2008.

THORION, Ghyslaine. **Espaces en friche, des lieux dédiés à l' experimentation et à la creation culturelle**. Presses Universitaires de Bordeaux, Communication et Organisation, 2005, 10 p. <https://journals.openedition.org/communicationorganisation/3280> acesso em 10/12/2019.

Sites na web:

www.casadecriadores.com.br , 17ª Edição – Inverno no período de 18 a 20 de março de 2005, acesso em 12/02/2020.

www.feitoporbrasileiros.com.br, 2014, acesso em 13/02/2020.

www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200221.htm, acesso em 15/02/2020.

www.g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/01/shows-e-eventos-reunem-milhares-no-aniversario-de-461-anos-de-sao-paulo.html, acesso em 12/02/2020

<https://www.investe.sp.gov.br/noticia/chinesa-ctf-entra-no-cidade-matarazzo/>, acesso em 14/02/20.